

SIMPÓSIO AT041

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR ADOLESCENTES SURDOS

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP
Divisão de Educação e Reabilitação dos
Distúrbios da Comunicação (DERDIC) - PUCSP
mccphy@gmail.com

Resumo

Com base na distinção que Geraldi (1993) faz entre saber a língua e saber sobre a língua, este trabalho tem como objetivo analisar indícios que ilustrem a aprendizagem do funcionamento linguístico-discursivo da Língua Portuguesa por adolescentes surdos que já concluíram o Ensino Fundamental. Os indícios foram extraídos de produções escritas de um adolescente surdo que participou, de 2014 a 2016, de oficinas de Língua Portuguesa, oferecidas duas vezes por semana, por uma instituição de ensino para surdos em São Paulo. A análise de dois textos produzidos pelo aluno-sujeito em momentos diferentes do processo de aprendizagem evidencia que ele está ampliando seu conhecimento de Língua Portuguesa, o que pode ser observado tanto na quantidade de categorias gramaticais como na complexidade das produções. Os indícios analisados neste trabalho reforçam a ideia de que o objetivo do ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve ser a habilidade de compreender e se expressar na escrita. A importância da leitura de textos de diferentes gêneros e tipos textuais pelos alunos, bem como a participação do professor auxiliando-os na compreensão dos textos e na elaboração das hipóteses sobre o uso da Língua Portuguesa são destacados pela autora.

Palavras-chave: Língua Portuguesa e surdez; desenvolvimento linguístico de surdos; aprendizagem da Língua Portuguesa por surdos.

Abstract

Based on Geraldi's (1993) distinction between knowing the language and knowing about the language, this paper aims to analyze evidences that illustrate the learning of the linguistic-discursive functioning of the Portuguese Language by deaf adolescents who have already completed Elementary School. The evidences were obtained in written productions of a deaf adolescent who attended, from 2014 to 2016, Portuguese language classes offered twice a week by a school for the Deaf in São Paulo. The analysis of two texts produced by the student-subject at different moments of the learning process shows that he is increasing his knowledge of Portuguese Language, which is observed both in the quantity of grammatical categories and in the complexity of the productions. The evidences analyzed in this paper reinforce the idea that the purpose of teaching the Portuguese Language to deaf students should be the ability to understand and express themselves in the written language. The importance of the reading texts of different genres and textual types by the students, as well as the participation of the teacher assisting them in the understanding of the texts and in the elaboration of the hypotheses on the use of the Portuguese Language are highlighted by the author.

Keywords: Portuguese Language and deafness; linguistic development of the deaf; learning of the Portuguese language by the deaf.

Introdução

A aprendizagem da Língua Portuguesa por pessoas surdas tem preocupado professores e pesquisadores devido, principalmente, aos resultados insatisfatórios geralmente observados.

Entre as razões comumente apresentadas para explicar as dificuldades de aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos destacam-se a dificuldade de acesso à Língua Portuguesa na modalidade oral, bem como a forma como essa língua tem sido ensinada na escola.

As crianças ouvintes, quando chegam à escola, já usam a Língua Portuguesa na modalidade oral e nela se baseiam no aprendizado da escrita. As crianças surdas, por outro lado, chegam geralmente à escola com, no máximo, fragmentos da Língua Portuguesa oral, insuficientes para constituir seu conhecimento sobre essa língua.

Por muitos anos, o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos começava com vocábulos, que eram posteriormente combinados em frases, obedecendo a uma hierarquia de complexidade pré-estabelecida pelo professor. Por meio de exercícios de substituição e de repetição, esperava-se que os alunos memorizassem as estruturas frasais trabalhadas e as usassem (PEREIRA, 2009).

Esse método, muito criticado no ensino de língua estrangeira, mostrou-se pouco eficiente na aprendizagem da Língua Portuguesa por grande parte dos alunos surdos (PEREIRA, 2011). Embora muitos chegassem a utilizar estruturas frasais gramaticalmente corretas, tratava-se, na maioria das vezes, de frases estereotipadas, usadas de forma mecânica e em contextos bastante previsíveis. Quando utilizadas fora do contexto, observava-se desorganização morfossintática acentuada, frases desestruturadas, nas quais faltavam elementos de ligação, flexões etc. Era como se os alunos aprendessem a língua mecanicamente, de fora para dentro, sem conseguirem fazer uma reflexão sobre o seu funcionamento (PEREIRA, 2009).

Ao se referir ao ensino da Língua Portuguesa na escola, Geraldini (1993) estabelece uma diferença entre saber a língua, ou seja, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, e analisar a língua,

“dominando conceitos e metalinguagens a partir das quais se fala sobre a língua” (GERALDI, 1993, p. 118). Ressalta que toda criança traz para a escola conhecimento sobre as regras da sua língua nativa, que ela aprendeu ouvindo e falando.

Para Geraldi, a forma como a língua é vista pelo professor vai determinar os seus objetivos no ensino: desenvolver no aluno as habilidades de expressão e de compreensão de mensagens, isto é, o uso da língua, ou o conhecimento linguístico, ou seja, o saber a respeito da língua. O autor afirma que é usando-a que o aluno se preparará para deduzir as regras de sua língua. Aprender a respeito da língua, tomar consciência dos mecanismos estruturais do sistema linguístico, deve ser, segundo o autor, uma etapa posterior.

1. A aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos

A distinção que Geraldi faz entre saber a língua e saber sobre a língua fornece elementos para que se repense o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos.

Por não contarem com a audição, os alunos surdos não têm o mesmo contato com a língua que têm os ouvintes. Ao ingressarem na escola, o foco no ensino da gramática não tem contribuído para a aprendizagem da Língua Portuguesa pelos alunos surdos.

Pereira (2009), entre outros autores, defende que os alunos surdos sejam expostos, desde cedo, à leitura como requisito indispensável para a aprendizagem da Língua Portuguesa. Segundo a autora, os alunos surdos devem ler muito, até mais do que os ouvintes, já que a leitura se constitui como a principal fonte para o desenvolvimento do conhecimento da Língua Portuguesa.

Inicialmente, e sempre que o aluno necessitar, a atividade de leitura deve ser feita junto com o professor, ao qual caberá explicar o conteúdo do texto na língua de sinais, bem como responder questões sobre o funcionamento da Língua Portuguesa, quando o aluno solicitar (PEREIRA, 2011).

O professor bilíngue assume importância fundamental no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa escrita, “conduzindo o aprendiz surdo em suas hipóteses e descobertas, ao transitar no universo estrutural e conceitual de ambas as línguas, por imersão em práticas sociais de leitura e escrita.” (FERNANDES, 2011, p. 254).

Os alunos devem ser apresentados ao maior número possível de textos e o professor deve ser capaz tanto de traduzir seu conteúdo na língua de sinais, como também de explicar e esclarecer as diferenças e as semelhanças entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa. A meta deve ser esclarecer o significado, o conteúdo nos textos e mostrar como ele é expresso nas duas línguas (PEREIRA, 2009, p. 27).

Na medida em que os estudantes tenham acesso a um número significativo de textos, de diferentes gêneros e tipos textuais, observam-se, em suas produções, cada vez mais elementos da Língua Portuguesa. Nesse momento, cabe ao professor conduzir o olhar deles para aspectos formais do texto que, sozinhos, eles não perceberiam, bem como escolher os aspectos gramaticais que serão sistematizados (FERNANDES, 2003).

2. A aprendizagem da Língua Portuguesa por adolescentes surdos

Na seção anterior, procurou-se mostrar que, expostos à leitura de textos, mediada pela Língua Brasileira de Sinais, os alunos surdos vão descobrindo, com a ajuda do professor bilíngue, as regras de funcionamento linguístico-discursivo da Língua Portuguesa.

Como parte de uma pesquisa mais ampla, neste trabalho o objetivo é analisar indícios que ilustrem a aprendizagem da Língua Portuguesa por adolescentes surdos que já concluíram o Ensino Fundamental.

Esses adolescentes frequentaram as oficinas de Língua Portuguesa, oferecidas por uma escola bilíngue para surdos em São Paulo, no período de 2014 a 2016. As oficinas aconteciam duas vezes por semana, com duração de uma hora e meia e eram ministradas por uma professora ouvinte, fluente na Língua Brasileira de Sinais.

O foco do trabalho nas oficinas era a leitura e a produção de textos. Para isso, semanalmente os alunos eram expostos a textos de diferentes gêneros e tipos textuais. Os textos eram trazidos pela professora ou pelos alunos e trabalhados na sala de aula, seguindo as etapas propostas por Sueli Fernandes (2003).

Ao introduzir um texto para leitura, a professora pesquisava, através de imagens, de títulos e subtítulos, o conhecimento que os alunos tinham sobre o tema. Pesquisava também o conhecimento que tinham em relação às palavras-chave do texto. Todo esse processo se dava na Língua Brasileira de Sinais. Após familiarizar os alunos com o tema do texto e com as palavras-chave, a professora orientava-os a lerem o texto sem se preocuparem com o significado de cada palavra. Quando achava necessário, traduzia o texto ou trechos dele para a Língua Brasileira de Sinais e, por meio de perguntas, ajudava os alunos a elaborarem previsões e inferências sobre o conteúdo. Uma vez que o objetivo era a compreensão do texto, chamava a atenção para alguns elementos que poderiam ajudar os alunos. Na medida em que percebia que os alunos dispunham de conhecimento suficiente para compreender o texto, solicitava que o lessem individualmente. Enquanto liam, ela não os interrompia, mas esclarecia as dúvidas que surgiam na leitura. Quando achava necessário, propunha uma dramatização, explicava o sentido de uma palavra no texto ou formulava perguntas visando ajuda-los. Após a leitura do texto, a professora formulava perguntas para avaliar a compreensão dos alunos. Na elaboração das perguntas, havia um cuidado em não fazer somente perguntas cuja resposta constava no texto, cabendo ao aluno localizá-la, mas de fazê-los refletirem e se posicionarem em relação ao texto (PEREIRA, 2018).

Para este trabalho foram selecionadas as produções escritas de um aluno em dois momentos diferentes do processo de aprendizagem.

A primeira produção consiste na elaboração de um texto em continuidade ao início fornecido pela professora: “Domingo eu acordei e estava chovendo...”

Amostra 1. Seguindo a orientação da professora, o aluno elaborou a seguinte produção:

Domingo eu acordei e estava chovendo sentir infelizmente porque nós combinamos ir a viagem para na praia.

Eu como estou na casa que faço ideia assisti televisão jogo o futebol. Outro dia combina passear ao cinema depois vamos comer (comida) japonesa.

A amostra acima revela que o aluno já apreendeu vários aspectos do funcionamento linguístico-discursivo da Língua Portuguesa escrita.

A flexão dos verbos **combinar** e **ir** na primeira pessoa do plural, bem como dos verbos *estar* e *assistir* na primeira pessoa do singular, revela que o aluno já entendeu que, na Língua Portuguesa, os verbos são flexionados e concordam com o sujeito.

O aparecimento, na oração “combinamos ir a viagem para na praia”, das preposições **para** e **na** revela reflexão do aluno sobre o uso destas duas preposições.

Embora a professora não tenha trabalhado especificamente a classe gramatical das preposições, a exposição a textos onde elas aparecem, assim como a possível explicação sobre o seu uso fez um efeito no aluno. O verbo **viajar** é substituído por **viagem**, vocábulo adequado ao contexto, ainda que tenha sido usado como substantivo e não verbo.

A segunda produção analisada aqui foi elaborada um ano e três meses após o exemplo anterior. A professora trabalhou o tema da reciclagem por meio de conversas na Língua Brasileira de Sinais e de leitura e discussão de texto sobre o tema. Para finalizar o trabalho, solicitou aos alunos que elaborassem uma redação com o título Reciclagem.

Amostra 2. Atendendo à orientação da professora, o aluno escreveu:

Eu sempre jogador no lixo, nunca joguei na rua, porque se as pessoas jogaram na rua quando tempo começa chover inundação. Precisa jogar no lixo. As pessoas usam jogar de lixo reciclável azul, vermelho, verde, amarelo e cinza.

Precisam respeitar no lixo reciclável.

Alguém usa jogar em casa depois colocar na rua quando o caminhões coleta de lixo. Leva lixo reciclagem fazer orgânico separar para outro lugar.

Nesta amostra, é possível observar mais indícios de aprendizagem do funcionamento da Língua Portuguesa na escrita do aluno. Chama a atenção o uso de *jogador* em vez de *jogar*, o que pode ter ocorrido por associação com jogador de futebol. No entanto, o verbo *jogar* aparece em seguida, adequadamente usado. O mesmo verbo aparece um pouco mais adiante, usado em uma construção condicional, a qual, na Língua Portuguesa, requer que o ele esteja conjugado no modo subjuntivo. O aluno usa o modo indicativo, o que pode ser indício de que o subjuntivo ainda não foi aprendido. Nesse mesmo trecho, observa-se o uso adequado das conjunções *porque*, *se* e *quando*, resultando em orações mais complexas do que as observadas na amostra anterior.

Considerações finais

A análise de produções escritas de um adolescente surdo traz vários indícios de que ele está ampliando seu conhecimento de Língua Portuguesa, o que pode ser observado tanto na flexão dos verbos, quanto na presença de categorias gramaticais, como preposições e conjunções, e no uso de estruturas mais complexas, que expressam relações causais, condicionais e temporais, entre outros aspectos.

Os indícios analisados neste trabalho reforçam a ideia de que o objetivo do ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve ser a habilidade de compreender e de se expressar em Língua Portuguesa. Para isso, é imprescindível que eles leiam textos autênticos, de diferentes gêneros e tipos textuais. O professor tem papel importante, não só auxiliando os alunos na compreensão dos textos, como na elaboração das hipóteses sobre o funcionamento linguístico-discursivo da Língua Portuguesa.

A comparação entre as duas produções do aluno-sujeito revela que o processo é lento, mas contínuo. O ritmo dependerá, em grande parte, da maior ou menor proximidade que o aluno surdo estabelecer com a leitura.

Concluindo, a meta no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve ser o uso da língua. As atividades de análise, classificação e categorização, as quais envolvem o conhecimento sobre a língua, devem ser introduzidas a partir do que os alunos estão usando.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese de doutorado. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 2003.

FERNANDES, 2011. Letramentos e bilinguismo na educação de surdos. In LIER-DEVITTO, M.F.; ARANTES, L (Orgs.). **As faces da escrita**: linguagem, clínica, escola. Campinas, SP; Mercado de Letras, 2011, p. 247-258.

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PEREIRA, M. C. C. (Org.). **Leitura, escrita e surdez**. São Paulo: Secretaria da Educação, CENP/CAPE. 2ª ed. São Paulo: FDE, 2009.

_____ Reflexões sobre a escrita de alunos surdos expostos à abordagem bilíngue de educação. In FARIA, E.M.de B.; CAVALCANTE, M.C.B. (Orgs.). **Desafios para uma nova escola**: um olhar sobre o processo ensino-aprendizagem de surdos. João Pessoa, 2011, p. 49-64.

_____ Ensino/aprendizagem da leitura em Língua Portuguesa para/por adolescentes surdos. **ReVel**, edição especial **n.15**, 2018, p. 137-158.